

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Natália Godofredo de Oliveira

Nova África:

como a série trabalha a possibilidade de novas representações do continente africano

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Natália Godofredo de Oliveira

Nova África:

como a série trabalha a possibilidade de novas representações do continente africano

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito  
para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social  
na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Co-orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

Natália Godofredo de Oliveira

Nova África:

como a série trabalha a possibilidade de novas representações do continente africano

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal

Trabalho de conclusão de curso aprovado (a) em 07/02/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – Orientador

---

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Co-orientador

---

Profª. Dra. Iluska Maria da Silva Coutinho (UFJF) – Convidada

---

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana (UFJF) – Convidado

---

Conceito obtido \_\_\_\_\_

Juiz de Fora

Fevereiro de 2014

## DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho aos meus pais, Creuza Maria e Sebastião, que através de seus exemplos de vida e atuação nas causas do Movimento Negro, me ensinaram a afirmar a minha identidade negra e inspiraram a produção deste estudo.*

## **AGRADECIMENTOS**

Não há como chegar até este momento e não agradecer a Deus pelas inúmeras bênçãos alcançadas durante esses quatro anos de faculdade. Se não fosse a sua interseção Senhor, meu caminho teria sido mais difícil. Muito obrigada!

À minha família que sempre foi meu porto seguro, agradeço pelo amor incondicional, pelas orações, incentivo e sacrifícios que me fizeram chegar até aqui.

À Facom por me fornecer os conhecimentos necessários para ser uma profissional capacitada. Mas também por me permitir encontrar a alegria em todos os dias de aulas, através dos meus amigos Letícia, Monique e Paulo.

Às meninas da República Problema, por me mostrarem ser possível construir um lar e uma família em Juiz de Fora.

Aos eternos amigos de Volta Redonda e aos conquistados em Juiz de Fora, por me permitirem fazer parte de suas vidas, pelo companheirismo e pelas risadas compartilhadas.

À Produtora de Multimeios, minha eterna casa, por ser o melhor lugar de aprendizado na faculdade e por me apresentar aos amigos que também se tornaram família.

À PROPG por me receber de braços abertos e pelo reconhecimento aos meus trabalhos.

E por último, mas de maneira nenhuma menos importantes, aos meus orientadores, Márcio e Paulo Roberto, por me guiarem com toda paciência e atenção até a conclusão deste trabalho.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação do continente africano na série “Nova África: um continente, um novo olhar” (2012), exibida pelo canal público TV Brasil. A fim de verificar quais são as abordagens do continente presentes na série, faz-se necessário compreender o processo de construção e projeção das identidades, as características que fazem os meios de comunicação instrumentos de representação, em especial, as especificidades do gênero documentário. Além disso, busca-se discutir a construção do imaginário da África através de marcos históricos dessas nações.

**Palavras-chaves:** África. Estereótipos. Representação. Série Nova África. TV Brasil.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>2 O SISTEMA COMUNICACIONAL E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	10
2.1 OS CONCEITOS DE IDENTIDADE E DIFERENÇA .....	11
2.2 O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS .....	14
2.3 O DOCUMENTÁRIO COMO MEIO DE REPRESENTAÇÃO .....	18
<b>3 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DO CONTINENTE AFRICANO</b> .....	21
<b>4 IMAGEM DO CONTINENTE AFRICANO: ALGUNS EXEMPLOS</b> .....	28
4.1 QUE COPA É ESSA? .....	29
4.2 IMAGENS DA ÁFRICA NO CINEMA .....	31
4.3 ÁFRICA COMO NOTÍCIA .....	33
<b>5 ESTUDO DE CASO – ANÁLISE DA SÉRIE NOVA ÁFRICA</b> .....	36
5.1 A VOZ DA ÁFRICA.....	38
5.2 ÁFRICA DE INICIATIVAS E PROATIVA .....	41
5.3 ÁFRICA PRIMITIVA E MÍSTICA .....	43
5.4 ÁFRICA MULTICULTURAL.....	46
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	49
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	53
<b>ANEXOS</b> .....	56

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar as abordagens apresentadas nos meios de comunicação em relação à representação do continente africano. Para este fim a série “Nova África: um continente, um novo olhar” (2012), exibida pela emissora TV Brasil foi escolhida como objeto de análise, devido à proposta do programa de apresentar uma nova visão do continente africano. Partindo deste pressuposto, nosso objetivo é verificar quais são as representações do continente exibidas na série, buscando averiguar a presença ou ausência de uma pluralidade, uma heterogeneidade na representação dos povos africanos, em relação ao que geralmente é divulgado na mídia sobre o continente.

Para se chegar ao objetivo deste estudo é necessário primeiro apresentar um referencial teórico que servirá de base para a argumentação da análise. Em um primeiro momento será apresentado à relação entre os meios de comunicação e a representação. Por isso, recorreremos a diferentes autores para expor a temática da construção e projeção das identidades e das representações nas sociedades. Tendo em vista que os meios de comunicação atuam como ferramentas de representação, vamos apresentar as características que conferem a esses meios à função de representação das sociedades. Além de expor as características que fazem do gênero documentário um meio preferencial para este objetivo.

De posse dos conceitos a cerca da identidade, partimos para a exposição dos momentos históricos determinantes para a consolidação do imaginário africano nas diversas sociedades. Para isso, destacamos dois períodos da história do continente, sendo eles o período colonial e pós-colonial.

Para expor a recorrência de determinadas imagens e representações da África apresentamos também alguns estudos voltados à análise do continente através dos meios de



comunicação. Assim sendo, expomos um breve resumo de três estudos e suas conclusões quanto à representação de alguns países africanos nos meios de comunicação.

Após apresentarmos e compreendermos as ideias expostas no referencial teórico partimos para a análise proposta neste estudo. Para este fim, serão analisados quatro episódios da série, selecionados através de um recorte temporal. Para proceder com a análise utilizaremos o método da análise de conteúdo categorial semântica, desmembrando as recorrências verificadas nos programas selecionados em quatro categorias. Essas por fim, fornecerão os subsídios necessários para que seja exposta a conclusão deste estudo, avaliando assim, se a representação do continente africano realizada pela série vai além dos estereótipos geralmente difundidos nos meios de comunicação.

## 2 O SISTEMA COMUNICACIONAL E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A compreensão das questões ligadas às identidades e as suas representações, no que se refere à formação, construção e posteriormente a projeção entre as sociedades serão expostas neste capítulo. A temática é amplamente discutida na teoria social, e um dos argumentos expõe uma crise das identidades e a descentralização dos sujeitos, como é apresentado por Stuart Hall (2011).

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 2011, p.7)

Esse sujeito descrito por Hall (2011) será apresentado como o sujeito da modernidade tardia ou pós-moderno, como será preferencialmente citado e exposto ao longo do presente estudo. Partindo do princípio que objeto de análise se trata de uma série com características documentais, se faz necessário apresentarmos as características que fazem com que um documentário seja um meio, um instrumento para a representação.

Pretendemos mostrar também qual é o papel da mídia no processo de representação e produção das identidades. Uma vez que através dos meios de comunicação de massa se torna possível atingir um enorme público, transmitindo uma carga cada vez maior de informações, se faz necessário apresentar os fatores característicos das comunicações que permitem a representação dos indivíduos.

## 2.1 OS CONCEITOS DE IDENTIDADE E DIFERENÇA

Para introduzir o debate Hall (2011) nos apresenta três concepções de identidade, o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. O primeiro pode ser definido como uma visão masculina, de um sujeito individualista. Baseado na razão, na consciência e na unificação. Esse indivíduo era marcado desde o nascimento por uma mesma essência, que mesmo ao longo do seu desenvolvimento permanecia “essencialmente o mesmo – contínuo ou ‘idêntico’ a ele – ao longo da existência do indivíduo” (HALL, 2011, p.11).

Já o sujeito sociológico tem um núcleo constituído através de suas relações, das pessoas que lhe são importantes, “que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2011, p.11). Esse sujeito se apresenta, então, como o reflexo da complexidade do mundo moderno e da interação entre ele e a sociedade.

Os reflexos das mudanças estruturais e institucionais da cultura deram espaço a um sujeito fragmentado, composto de várias identidades, que por sua vez, podem se apresentar em formas contraditórias. De acordo com Hall (2011), essas alterações sociais decorreram do processo de globalização. É neste processo que surge o sujeito pós-moderno, que se vê sem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Pois, ela transita e muda de acordo com aquilo a que o sujeito é apresentado socialmente.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2011, p.13)

A contradição e as diferenças que interferem na existência do sujeito pós-moderno inserem a presença e importância das diferenças na construção das identidades. Ao debater esta temática, Kathryn Woodward (2008) relata uma história ocorrida na antiga Iugoslávia, no

contexto da guerra entre sérvios e croatas, para exemplificar a questão de identidade e diferença, e a estreita ligação entre elas. A história é capaz de ilustrar de forma didática, que sérvios e croatas definem suas identidades através de suas diferenças, em um sistema que define o que se é através do que o outro é e não é. Ou seja, “a diferença é sustentada pela exclusão: se você é sérvio, você não pode ser croata, e vice-versa.” (WOODWARD, 2008, p.9).

Woodward (2008) também apresenta outros fatores que definem as identidades e diferenças. Um deles são os bens materiais utilizados pelas pessoas, que são exemplos de símbolos pelos quais se podem defini-las. Já o caso apresentado na história dos sérvios e croatas, em que uma nação é colocada como superior à outra, através de suas características simbólicas, aponta o caráter social. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2008), isso pode ser explicado porque o fator social da identidade e da diferença faz com elas sejam sujeitas a relações de poder, do desejo de garantir privilégios. “A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes” (SILVA, 2008, p. 81).

Há também a formação histórica, contextualizada por Woodward (2008) na história da Iugoslávia. Ela se dá no momento em que a afirmação das identidades é marcada por um determinado período temporal, no qual elas se acentuam e definem a sua construção. Esta determinação temporal se torna importante, pois, de acordo com a autora, argumentos do passado não são apenas verdades históricas, eles permitem a compreensão do sujeito no tempo presente. “Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise” (WOODWARD, 2008, p.12).

Essas características de relação e interdependência entre identidade e diferença são explicadas também por Silva (2008) através do ponto de vista da construção linguística e discursiva. Uma vez que ele as apresenta como produções criadas pelos indivíduos social e culturalmente. E se a definição destes termos se dá através da linguagem, por este meio já é possível apontar o caráter mutável e indeterminado da identidade e diferença, pois assim também são os processos da linguagem.

De acordo com Hall (2008) a identificação não existe sem as diferenças, para se firmar ela precisa de tudo aquilo que está fora dela. Neste contexto, ele também nos mostra que a identidade não é estática, sendo a mesma do início ao fim da vida de um indivíduo, sem que haja alguma alteração. O mesmo pode se aplicar a identidade cultural, entendida por ele como a construção de um “eu coletivo” que cria e fixa o pertencimento cultural.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2008, p. 108)

Neste ponto o autor apresenta argumentos semelhantes e complementares a Woodward (2008), ao dizer que temos que pensar na identidade de acordo com aquilo que inquieta o sujeito e interfere na sua vida, como os processos de globalização e da migração forçada.

Hall (2008) aponta que a identidade não é, portanto, uma construção unilateral. Ela pode ser vista como uma articulação, uma sutura, de práticas discursivas, como as normas que regem as culturas, a política. Na qual o sujeito é chamado a ocupar a posição a que foi convocado.

De maneira geral, os autores se correlacionam ao apontar a necessidade de perceber que a identidade não é fixa, e sim multifacetária, alterada e composta por diversos fatores presentes nas sociedades. É neste contexto, que está inserido o sujeito pós-moderno.

## 2.2 O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

A representação é apresentada por João Freire Filho (2004) através da concepção moderna e liberal do processo democrático. Através dessa visão a representação adquire um caráter político, sendo “associada à delegação de poderes, por meio de votos, a um conjunto proporcionalmente reduzido de indivíduos, na expectativa de que os eleitos articulem e defendam pontos de vistas e interesses dos eleitores” (FREIRE FILHO, 2004, p.45). No entanto, a representação não se limita ao campo político, o termo também abrange o universo simbólico e cultural. “De forma análoga, o termo designa, também, o uso dos variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para “falar por” ou “falar sobre” categorias ou grupos sociais, no campo de batalha simbólico das artes e das indústrias da cultura” (FREIRE FILHO, 2004, p.45).

É nesta segunda definição de Freire Filho (2004), que os meios de comunicação são inseridos na temática da representação social. Para Néstor Garcia Canclini (1999) essa inserção dos meios de comunicação na temática da representação pode ser explicada também pelo esfacelamento da atuação política nesta área, isso se deve à perda de confiança da população nas ações das instituições políticas, o que gerou o fortalecimento de outros campos, como o da comunicação.

Junto com a degradação da política e a descrença em suas instituições, outros modos de participação se fortalecem. Homens e mulheres percebem que muitas das perguntas próprias dos cidadãos – a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses – recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos. (CANCLINI, 1999, p.37)

De acordo Freire Filho (2004), as discussões sobre a representação e identidades nos meios de comunicação, tiveram início na década de 60, através da crítica e análise dos produtos gerados pelos meios de comunicação de massa.

A análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) nos meios de comunicação de massa se consolidou, desde os anos 60, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiáticos. Tal inclinação teórica se harmoniza com a pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais, notabilizados por uma preocupação profunda com a questão da identidade – o que ela significa, como é produzida e contestada. (FREIRE FILHO, 2004, p.45)

A criação e discussão das identidades por intermédio dos meios de comunicação estão ligadas a forma como a informação é transmitida e recebida. Para Marcos Alexandre (2001), a comunicação permite a troca de experiências fazendo com que essas se tornem patrimônio comum. Por esse processo a comunicação é capaz de modificar “a disposição mental das partes envolvidas e inclui todos os procedimentos por meios dos quais uma mente pode afetar a outra” (ALEXANDRE, 2001, p. 113). Desse ponto de vista, os meios de comunicação se apresentam como um modificador do comportamento humano.

Diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos. É o efeito dos meios de comunicação de massa (MCM) em nossas relações sociais. É o que McLuhan chamou de mundo retribalizado, onde as pessoas passam a ser constantemente massacradas por inúmeras e variadas informações, vindas de todas as partes do mundo. (ALEXANDRE, 2001, p.113)

Esse excesso de informação parte de uma das principais características dos meios de comunicação de massa, que segundo Alexandre (2001) tem como objetivo chegar a um grande público, que por sua vez é heterogêneo e anônimo. Esse alcance só é possível através de meios técnicos que são gerados pela economia de mercado, que são as empresas e/ou grupo de comunicação, conceituadas pelo autor como uma “fonte organizada”, “ampla e conexas” (ALEXANDRE, 2001, p.113). É através dessa estrutura que os meios de comunicação conseguem transmitir as suas mensagens e alcançar um grande público, cada vez mais diferenciado.

Os MCM atingem simultaneamente uma vasta audiência, em um curto espaço de tempo, envolvendo milhares de pessoas no processo. Essa audiência, além de heterogênea e geograficamente dispersa, é constituída de membros anônimos para a fonte, mesmo que a mensagem, em função dos objetivos do emissor, ou da estratégia mercadológica do veículo, seja dirigida especificamente a uma determinada parcela do público, isto é, um só sexo, uma faixa etária, um determinado grau de escolaridade. (ALEXANDRE, 2001, p.113)

As mudanças que ocorrem nas sociedades interferem diretamente na forma como as pessoas consomem a informação. Segundo Alexandre (2001) nos anos 90, as sociedades iniciaram um processo de autonomia das estruturas sociais, passando a agir de uma maneira que não era exclusivamente racional. Neste contexto de transformação os meios de comunicação assumiram um papel de maior influência.

No percurso da transformação do fenômeno social neste final de século, os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem. (ALEXANDRE, 2001, p.113)

Nesse ponto de mudança, abre-se a discussão para se analisar como a mensagem é recebida pelo público. Isso, porque a representação só é criada uma vez que a informação, o conteúdo é recebido pelas pessoas. Para exemplificar a questão, Alexandre (2001) faz uma referência ao caráter comercial dos meios de comunicação, ou seja, a lógica de produção nos moldes capitalistas. Uma vez que essas ações são medidas e baseadas através da resposta do público.

Mas o consumidor também influencia o anunciante através da resposta (feedback). Se o público compra mais (resposta positiva), o anunciante mantém suas mensagens. Se o público deixa de comprar (resposta negativa), o anunciante reformula suas mensagens ou contrata outra agência. (ALEXANDRE, 2011, p.120)

Mas não são apenas os fatores econômicos que interferem no processo dos meios de comunicação, da mesma forma que a informação modifica a sociedade, esta também altera o processo de comunicação. Alexandre (2001) nos mostra isso, ao abordar os fatores que interferem e geram mudanças nos meios de comunicação no século XXI



Atualmente as indústrias da mídia estão passando por grandes mudanças econômicas e tecnológicas, gerando um importante impacto na produção e na difusão das mensagens. A produção e circulação das mensagens na sociedade atual é extremamente dependente das atividades das indústrias da mídia. O papel das empresas de comunicações é fundamental na formação do indivíduo moderno, pois é difícil imaginar, nos dias de hoje, “o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós”. (THOMPSON, 1999, p.219, apud ALEXANDRE, 2001, p.115).

A partir das considerações de Alexandre (2001), podemos dizer que mesmo com as mudanças ocorridas nas sociedades e das maneiras distintas através das quais o público recebe as informações, que os meios de comunicação exercem uma função de grande importância na criação e difusão das representações identitárias. Assim embasados sobre as questões gerais que envolvem a construção e projeção das identidades, podemos apresentar as características que fazem do gênero documentário uma ferramenta de destaque quando se aborda a questão.

### 2.3 O DOCUMENTÁRIO COMO MEIO DE REPRESENTAÇÃO

Ao conceituar o documentário Bill Nichols (2012) aponta que todo filme é um documentário e partindo deste pressuposto o classifica em dois tipos: documentário de satisfação de desejos e documentário de representação social. O primeiro é conhecido por nós como os filmes de ficção e o segundo como os de não ficção, este último é o que nos interessa para o estudo.

De acordo com Nichols (2012) o documentário de representação social consiste no que chamamos de filme documentário, que é caracterizado por representar o mundo em que vivemos a partir da seleção e organização do cineasta, tornando o nosso universo visível e audível. “Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. [...] Literalmente, os documentários dão nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção.” (NICHOLS, 2012, p.27)

Essa nova forma de abordar o mundo apresentada pelo documentário compõe uma das suas principais características, a possibilidade de representação, seja ela de indivíduos, de fatos ou do mundo. Segundo Nichols (2012) essa particularidade do documentário pode se apresentar de três maneiras. A primeira pelo fato deste tipo de produção nos apresentar um retrato reconhecível do mundo, através da fidelidade no registro de pessoas e acontecimentos, que facilmente seriam reconhecidos por nós no cotidiano. Essa característica leva a crença da veracidade fiel do produto, da exposição da realidade através das cenas, como explica Sarah Yakhni (2001).

A “impressão de realidade” é duplamente significativa para o gênero documentário, já que um dos princípios que fundamentam sua narrativa é estar referido diretamente a fatos históricos. Nesse sentido, a primeira impressão que o filme causa no espectador é que é a própria realidade que “fala” através dos sons e imagens e não a sua representação. Outro pressuposto de autenticidade do documentário é passar a impressão da não manipulação dos sons e imagens. (YAKHNI, 2001, p.25)

A ideia de autenticidade também é abordada por Nichols (2012), que apresenta o poder da imagem como sendo um fator expressivo para gerar a concepção de veracidade dos fatos. E assim como Yakhini (2001) o autor alerta para a possibilidade de alteração, manipulação do produto.

Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica por si só, muitas vezes, fornece uma base para a crença: vemos o que estava lá, diante da câmera; deve ser verdade. Esse poder extraordinário da imagem fotográfica não pode ser subestimado, embora esteja sujeito a restrições porque (1) uma imagem não consegue dizer tudo o que queremos saber sobre o que aconteceu, e (2) as imagens podem ser alteradas tanto durante como após o fato, por meios convencionais e digitais. (NICHOLS, 2012, p.28)

A segunda característica de representação está presente no fato do documentário representar e significar o interesse de outras pessoas. Isso se manifesta na pessoa do documentarista, que assume o papel de emissário do público, ou de agências e de instituições que patrocinem o seu produto. Esse fator na visão de Yakhni (2001) insere o realizador, ou seja, o documentarista, no mundo que ele pretende representar. “Uma das características básicas do documentário é a de representar um fragmento do mundo histórico, o espaço documental é histórico e o realizador se situa como parte integrante desse mundo.” (YAKHNI, 2001, p.9)

Por último, o documentário pode se apresentar como a defesa de um ponto de vista ou interpretação de fatos. Dessa maneira, “[...] os documentários não defendem simplesmente os outros, representando-os de maneiras que eles próprios não poderiam, os

documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões.”(NICHOLS, 2012, p.30)

Essa busca do filme documentário em influenciar o telespectador através de um ponto de vista, segundo Yakhini (2001) está presente em qualquer produção e parte da presença do documentarista e das escolhas traçadas pelo mesmo.

Mas todo e qualquer cinema, independentemente do gênero à que pertença é um discurso, uma interpretação da realidade. Desde o momento em que se escolhe o que filmar, de que ponto de vista, qual a duração do plano, quem entrevistar, o que perguntar ao entrevistado, como editar o material, enfim todas as decisões que envolvem a realização de um documentário constroem uma interpretação da realidade, traduzem um determinado ponto de vista subjetivo e singular. Todos os elementos constitutivos da linguagem cinematográfica revelam sempre a posição do realizador frente aos fatos que está narrando. Isto não significa dizer que o documentário não possa ser fiel à verdade de determinadas realidades. (YAKHNI, 2001, p.25)

No entanto, apesar do fato da produção de um documentário não estar isenta de modificações em seu conteúdo, apontar um ponto de vista e sofrer influências de seus idealizadores, Nichols (2012) ressalta o fato de que os personagens de um filme documentário não são atores, como em um filme de ficção no qual eles são dirigidos e encenam. Pois, o que se espera dos personagens em produção documental é que eles ajam como se a vida estivesse seguindo sem a presença da câmera, eles são “atores sociais”.

Entendendo a questão da representação do documentário, é possível então, compreender que este produto não é uma reprodução da realidade, mas sim, como diz Nichols (2012), “uma visão singular do mundo”, que nos permite ver os fatos através do ponto de vista apresentado.

Compreendendo as particularidades de um documentário, que inserem este tipo de produção como uma ferramenta de importância quando tratamos de temáticas relacionadas à representação, e embasados sobre as questões gerais que envolvem a construção e projeção das identidades, podemos traçar no próximo capítulo os caminhos trilhados para a concepção das mesmas no que se refere ao continente africano.

### 3 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DO CONTINENTE AFRICANO

As primeiras impressões concebidas pelo mundo ocidental do continente africano foram construídas com o início do processo da colonização europeia no continente. Esta ação ocasionou o que é entendido por Júnia Sales e Lorene Santos (2010a) como um processo de diáspora, o termo sendo aqui compreendido como o deslocamento ou retirada de uma população de seu local original, podendo este fato ser vivenciado de diferentes modos, como explicam as autoras.

O termo diáspora é utilizado para referirmo-nos ao processo de desenraizamento vivenciado por populações deslocadas de seus locais de origem, geralmente de forma violenta e forçada. A diáspora pode ser – e efetivamente foi - vivenciada por diferentes populações de formas também distintas. A possibilidade de maior ou menor enraizamento e a multiplicidade de experiências sócio-culturais vivenciadas na nova morada são alguns dos elementos que delimitam essas diferenças, ao longo da história. (SALES e SANTOS, 2010a, p.3)

No caso das nações africanas pode se constatar que o deslocamento se enquadra no caso em que a retirada foi forçada e violenta. Este processo se deu entre os séculos XVI e XIX com a vinda de povos africanos para a América, em um período no qual foram submetidos ao regime de escravidão. De acordo com os dados apontados por Sales e Santos (2010a), durante este período foram trazidos para o Brasil cerca de 3,6 e 5,6 milhões de africanos, um número que segundo as autoras apresenta variações. No entanto, isso não altera o fato deste ser considerado “um dos maiores movimentos diaspóricos dos tempos modernos.” (SALES e SANTOS, 2010a, p.3).

As condições que os negros foram submetidos durante o período de escravidão, fez com que fossem gerados nas outras populações, no caso os colonizadores, ideias de diferenciação entre os povos. Consolidou-se a imagem de que o povo negro, os escravos, eram inferiores aos povos brancos, os colonizadores, como explica Mahtar M' Bow (2010).

Um outro fenômeno que grandes danos causou ao estudo objetivo do passado africano foi o aparecimento, com o tráfico negreiro e a colonização, de estereótipo raciais criadores de desprezo e incompreensão, tão profundamente consolidados que corromperam inclusive os próprios conceitos de historiografia. Desde que foram empregados as noções de “brancos” e “negros”, para nomear genericamente os colonizadores, considerados superiores, e os colonizados, os africanos foram levados a lutar contra uma dupla servidão, econômica e psicológica. Marcado pela pigmentação de sua pele, transformado em uma mercadoria, entre outras, e condenado ao trabalho forçado, o africano passou a simbolizar, na consciência de seus dominadores, uma essência racial imaginária e ilusoriamente inferior àquela do negro. Este processo de falsa identificação depreciou a história dos povos africanos, no espírito de muitos, rebaixando-a a uma etno-história em cuja apreciação das realidades históricas e culturais não podia ser senão falseada. (M’BOW, 2010, p.20)

Outro marco histórico inserido no período de colonização da África que também influenciou o imaginário concebido pelas demais populações a respeito do continente foi a partilha do território africano e as consequências dessa ação. A divisão das terras ocorreu durante a Conferência de Berlim (1884-1885), momento que segundo Napoleão Gaspar (2012) marca o início formal da colonização europeia no continente. Este encontro surgiu da necessidade dos países europeus afirmarem o controle político das colônias. Assim, a conferência definiu as normas de ocupação da África, entre as nações da Europa, sem levar em conta a participação e a opinião das lideranças africanas existentes na época.

Os representantes dos estados africanos existentes foram excluídos da Conferência. A materialização das decisões de Berlim não teve em conta nem os interesses nem a estrutura da população africana. A divisão de fronteiras entre as possessões dos países europeus respeitou mais os marcos naturais (montanhas, rios, lagos, etc.) do que a estrutura dos grupos populacionais locais. Uma das consequências desta última situação foi a criação de estados coloniais (herdados no pós independência) que dividiam, por exemplo, os antigos estados africanos e os grupos étnicos. (GASPAR, 2012, p.23)

A ausência das nações africanas nas decisões é justificada pela ideologia presente no processo de colonização, na qual o europeu se apresenta como uma influência positiva, que leva a civilização e o progresso as nações primitivas da África. Henri Brunschwig (1974) aponta este fato e corrobora o que é apontado por Gaspar (2012), ao evidenciar também, a atuação dos europeus na Conferência de Berlim.

Não há nenhuma dúvida de que a África negra jamais tenha sido considerada, nessas negociações, como interlocutor válido: a partilha da África era exclusivamente iniciativa das potências europeias. Seu objetivo, uma vez que agissem com a boa consciência de ocidentais, seria não de respeitar seu fim para levar às populações “primitivas” os benefícios da civilização. (BRUNSCHWIG, 1974, p.59)

A configuração do espaço geográfico africano elaborado na Conferência de Berlim resultou na divisão das nações africanas da forma como as concebemos atualmente. No entanto, essa divisão como nos mostrou Gaspar (2012) e Brunschwig (1974) não foi feita de maneira a respeitar as divisões existentes entre as sociedades. De acordo com Sales e Santos (2010b), essa delimitação territorial acabou por unir povos que carregavam um histórico de conflito em um mesmo espaço e dividir nações amigas, o que ao longo dos anos gerou inúmeros conflitos. Daí surge outra identidade que atribuímos ao continente africano, a de uma região em constante conflito e com uma predisposição para a guerra.

[...] podemos entender quase todas as guerras civis que assolaram e ainda assolam o continente como resultantes de um complexo processo de agressão cultural, política e material vivenciado pelas populações africanas durante séculos, sobretudo a partir da colonização. Isso não quer dizer que não existiam guerras e conflitos em África antes da chegada dos europeus. Mas se estudarmos com maior cuidado boa parte dos conflitos mais recentes, veremos não raízes inatas para a guerra, mas sim o resultado das experiências de violência sofridas pelos africanos também a partir do contato com outras culturas e povos. Alguns deles são resultantes do aprofundamento de antigas guerras historicamente travadas entre grupos africanos em disputa por territórios e riquezas, como se vê em outros continentes, mas que em África se perpetuaram ou se acirraram em função dos sistemas de dominação e expropriação sofridos pelo continente. (SALES E SANTOS, 2010a, p.12)

No que diz respeito à composição geográfica da África, além da divisão entre os países, surgiu também outra separação, apresentada por Sales e Santos (2010b) como a “África Negra” e a “África Branca”.

É comum encontrarmos livros que apresentam a África como continente dividido em dois. Essas Áfricas têm aspectos geográficos diferentes e são classificadas de maneira hierárquica, sendo uma considerada atrasada e outra adiantada: uma “África Negra”, (África Subsaariana, abaixo do Saara) apresentada como primitiva e regida por uma geografia impenetrável e indomável; e uma “África Branca” (norte do continente e não ocasionalmente próxima da Europa), tida por civilizada, culta e mais adiantada do ponto de vista cultural. Elas estariam irremediavelmente separadas pelo Deserto do Saara, um divisor que inviabilizaria o contato entre estes dois mundos. Comumente essa forma de pensar a África como dividida favorece a compreensão de que a chamada África Negra estaria condenada a viver na barbárie. Durante muito tempo, a própria ciência reforçou essa idéia de divisão radical da África em duas. (SALES e SANTOS, 2010b, p.6)

De acordo com as autoras essa visão é impraticável, uma vez que o deserto não é uma barreira e sim uma área de troca dentro do continente. No caso de uma possível divisão do continente, o correto seria dizer que existe a África do norte e a subsaariana, uma vez que a diversidade presente no continente não faz com seja possível uma simples divisão em dois lados, pois, “não existem duas Áfricas, mas muitas!” (SALES e SANTOS, 2010B, p.6).

Do período colonial, damos um salto para o século XX, mas especificamente após o término da Segunda Guerra Mundial, que constituiu outro período histórico importante na concepção das identidades do continente africano. De acordo com Jean Suret-Canale e A. Adu Boahen (2010), o fim do conflito entre as nações da Europa marca uma reviravolta no processo de colonização.

O fim da Segunda Guerra Mundial e a vitória dos Aliados não podiam senão levantar imensas esperanças junto aos povos da África submetidos à dominação colonial. A derrota do fascismo representava o insucesso de uma doutrina fundada sobre o racismo, a exaltação da força bruta e a negação dos direitos aos povos de dispor, por eles próprios, do seu futuro; tratava-se, implicitamente, da condenação do colonialismo cujos princípios, quicá a prática, repousavam em bases simétricas. (SURET- CANALE e BOAHEN, 2010, p.191)

É neste contexto do pós-guerra e de contestação do regime colonial, que surgem os movimentos de libertação e independência das colônias e a ascensão do pan-africanismo. Um movimento que em momentos distintos adquire duas características, de integração e de libertação.

A primeira é compreendida através da luta anticolonial que se articulou dentro e fora da África por aqueles que através da diáspora se encontravam longe do continente. De acordo com Sales e Santos (2010a) o pan-africanismo é entendido aqui como uma ideologia política, que buscava uma integração, uma unidade entre os povos de descendência africana. Isso se tornou possível através do conceito de raça, visto neste ponto como um fator positivo, uma vez que ela se apresenta como uma afirmação de uma identidade.



Mas a idéia de “raça” não tem sido apropriada apenas numa perspectiva de hierarquização – e conseqüente inferiorização de alguns grupos humanos -, nas formas como opera o racismo. Ela também tem sido utilizada - em meio a polêmicas e controvérsias – como estratégia de afirmação de identidades negadas e silenciadas por séculos, como é o caso da identidade negra. Assim, mesmo reconhecendo a inexistência de raças, do ponto de vista biológico, muitos grupos reivindicam um pertencimento **étnico-racial**, afirmando a validade desse conceito do ponto de vista social, enquanto estratégia de mobilização e luta. Esse movimento de afirmação e valorização da identidade negra, a partir da idéia de pertencimento étnico-racial, também tem história, uma história que se liga às lutas travadas por africanos nos processos de emancipação política e por afro-descendentes da diáspora, espalhados por diferentes partes do mundo. (SALES e SANTOS, 2010a, p.7, grifo das autoras).

Além do caráter de integração há também o de libertação, este tem como marco histórico o 5º Congresso Pan-africano, realizado em Manchester, em outubro de 1945. Segundo Edem Kojo e David Chanaiwa (2010), este encontro se tornou ponto decisivo, porque “[...] pela primeira vez, durante toda a história do movimento pan-africano, os representantes africanos eram os mais numerosos, e os debates envolveram, essencialmente, a libertação da África colonizada”. (KOJO e CHANAIWA, 2010, p. 897-898).

Outro ponto inédito foi o posicionamento dos líderes africanos, perante aos europeus, em ressaltar que caso se tornasse necessário o povo recorreria a força para garantir a liberdade, caso as potências europeias insistissem no fato de governar o continente a força. Kojo e Chanaiwa (2010) também relatam que as lideranças se dirigiram ao povo africano, apontando que a luta não era apenas pela independência política, pois o objetivo era atingir também as “[...] esferas econômica, cultural e psicológica. Eles exortaram a população das cidades e dos campos africanos, os intelectuais e profissionais liberais a se unirem, organizarem-se e lutarem até a absoluta independência” (KOJO e CHANAIWA, 2010, p. 899)

Segundo os autores o congresso marcou a virada do pan-africanismo, no qual as nações africanas se colocaram como sujeitos de sua própria história, diferente da visão concebida deste povo através da colonização.

Em suma, o quinto Congresso tornou o pan-africanismo uma ideologia de massas, elaborada pelos africanos e em seu próprio favor. Inicialmente ideologia reformista e protestante em favor das populações de origem africana, habitantes na América, o pan-africanismo tornou-se uma ideologia nacionalista orientada pela libertação do continente africano. (KOJO e CHANAIWA, 2010, p. 899)

No entanto, para D. Chinweizu (2010) nem todas as propostas do pan-africanismo foram alcançadas, pois as nações africanas não conquistaram por pouco a completa descolonização política. Esse fator fez com que o desenvolvimento econômico e a modernização, apresentada como uma via para alcançar o respeito do mundo, por consequência também não fossem conquistados.

Com esse insucesso do movimento, marca-se mais uma vez uma reviravolta na imagem do continente africano e uma nova visão, identidade é apresentada.

Não somente a África não atingiu a criação de uma robusta modernidade mas, ela inclusive perdeu a sua tradicional capacidade em assegurar a sua própria subsistência. Em 1984 ela era o único continente incapaz de se alimentar por si próprio. As grandes fomes devastavam ou ameaçavam vastas porções de territórios. A imagem mais representativa do continente negro era aquela própria a uma incompetência crônica simbolizada por um refugiado em pele e osso, tendendo perpetuamente ao semblante do mendigo. Os dirigentes africanos lançavam ao mundo seus pedidos de socorro e, enquanto os famintos morriam aos milhões, a África tornava-se um objeto de caridade, piedade e desdém mal-travestida. (CHINWEIZU, 2010, p.952-953)

O autor nos apresenta assim identidades da África marcadas pelo atraso, a miséria, a fome e a dependência. Além disso, traz para as discussões o fato de que as mazelas, os fatores negativos que cercam o continente não são de inteira responsabilidade do processo de colonização, conferindo assim, parte das questões as ações dos próprios africanos.

Vale ressaltar também, as imagens apresentadas por Santos e Sales (2010a), que corroboram as identidades africanas de miséria e fome, e acrescentam também a visão do continente através do exotismo de suas paisagens naturais.

No entanto, é comumente difundida a idéia de que a África é um continente em permanente guerra, assolado por miséria, fome e terríveis doenças. Da mesma maneira, difunde-se que o continente africano é um cenário de paisagens naturais exóticas e inexploradas: desertos despovoados, savanas cheias de leões e elefantes e paisagens à espera de aventuras e safáris. Não é raro que encontremos pessoas que imaginam um continente envolto em misticismo, com uma população envolvida com crenças primitivas ou amaldiçoadas, ou de pessoas produtoras de uma arte “grosseira” e primitiva. (SALES e SANTOS, 2010a, p.11).

Através dos marcos históricos apresentados neste capítulo foi possível traçar, de maneira geral, as principais visões concebidas sobre o continente africano que permeiam os nossos pensamentos e imaginário deste local. Ao longo dos anos vimos um povo oprimido, sem voz e escravizado, marcado pela inferioridade, se transformar em uma nação integrada pelo desejo de libertação, através do pan-africanismo. No entanto, também percebemos como as imagens de fome, doenças, guerras e exotismo foram construídas e fixadas no nosso imaginário.

Compreendendo como se deu o processo de formação das principais imagens que nos foram apresentadas sobre este continente, no próximo capítulo serão expostos alguns estudos sobre o papel da mídia na representação do continente africano. Buscando apontar quais as imagens que são transmitidas para o público.

#### 4 IMAGEM DO CONTINENTE AFRICANO: ALGUNS EXEMPLOS

No capítulo anterior apresentamos a construção das identidades africanas ao longo da história, destacando o período colonial e o movimento pan-africano. Após essa contextualização, partimos agora para uma exposição sobre o papel da mídia na representação do continente africano, com o objetivo de apontar quais as imagens geralmente são apresentadas a população.

Para isso, foram selecionados três estudos, *Que copa é essa? Um breve olhar discursivo sobre a imagem da África do sul construída pela mídia em 2010*<sup>1</sup> de Fernando Medanha (2010), *Imagens da África no cinema: o potencial da mídia no ensino de história*<sup>2</sup> de Delton Aparecido Felipe e Teresa Kazuko Teruya (2009) e por último, as considerações dos autores Astréia Soares, Luiz Henrique Barbosa e Vanessa de Carvalho (2009) em *África como notícia*<sup>3</sup>.

A partir das conclusões destes autores pretende-se expor um breve panorama das representações do continente africano através dos meios de comunicação, para verificar se os conteúdos são mais generalistas e dotados de estereótipos, ou se buscam uma visão plural, representando as especificidades do continente.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na VI Jornada de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2010.

<sup>2</sup> Artigo publicado em Educação Temática Digital (ETD), Campinas, 2009.

<sup>3</sup> Artigo apresentado no V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT), na Universidade Federal da Bahia (UFBa), em 2009.

#### 4.1 QUE COPA É ESSA?

Em seu artigo Fernando França Medanha (2010) busca explicitar a representação da África do Sul, país sede da Copa do Mundo FIFA de Futebol de 2010, nas páginas de sete revistas<sup>4</sup> de circulação impressa do país que dedicaram edições especiais sobre o evento, publicadas entre novembro de 2009 e junho de 2010.

Em um primeiro momento é abordado o contexto histórico do país, pois se parte do princípio do mesmo servir de base para a compreensão e argumentação dos dados. Por isso, o autor nos mostra que a África do Sul que está inserida na dominação colonial, sobre o signo da inferioridade, e principalmente, marcada pelo regime de segregação do *apartheid* e que através das lutas pelos fim das diferenças ocasionou a atuação e ascensão de Nelson Mandela. Além disso, nos mostra que mesmo a África do Sul sendo o país mais rico do continente, não faz com que deixe de pesar sobre essa nação a imagem dos constantes conflitos, desigualdades, doenças e altos índices de contaminação pelo vírus HIV, associados aos demais países africanos.

Após a contextualização Medanha (2010) nos apresenta sua forma de análise realizada através do recorte em títulos, chamadas, editoriais e reportagens, em que alguns trechos foram destacados. As matérias destacadas de edições especiais dos veículos analisados se relacionavam a cobertura jornalística dos preparativos do país sede da Copa as vésperas do evento. Os produtos abordavam também o fato além do aspecto esportivo, evidenciando o caráter político, econômico e sociocultural.

---

<sup>4</sup> As sete revistas analisadas são: Veja (edição 2167 – ano 43 – nº 22, editora Abril), Istoé (nº 2117, ano 34, junho 2010, editora Três), Viagem e Turismo e Placar – Especial África do Sul (edição 169-B, novembro de 2009, editora Abril), Época África do Sul 2010 – Edição Especial (maio de 2010 – editora Globo), Placar - Especial África do Sul 2010 (parte integrante da revista Placar edição 1342 – editora Abril), Aventuras na História (edição 83, junho de 2010 – editora Abril), Revista ESPN (nº 8, junho de 2010 – Spring editora produtora).

Através das angulações adotadas Medanha (2010) faz um alerta para o aspecto comercial e empresarial dos meios de comunicação, que estão inseridos na lógica de informar, respeitando os preceitos e normas jornalísticas, mas também aliado ao objetivo de lucro, de venda do produto.

O autor aponta o futebol como um reflexo da sociedade, sendo este capaz de ressaltar aspectos culturais e a identidade de uma sociedade. Outro fator importante na análise é a estratégia de aproximação com o Brasil adotada pelos meios de comunicação em suas produções. Além disso, há também a apropriação de aspectos sociais e culturais da África do Sul, na tentativa de atrair o leitor, como nos trechos destacados abaixo.

“LADUUUUUUUUUA!\* (\*Goooooool no idioma zulu).” (Veja)

“A população negra adora o esporte de Pelé.” (Veja)

“Assim como os alegres, coloridos e por vezes espalhafatosos torcedores dos Bafana Bafana, a seleção anfitriã. Em um país que congrega 11 línguas oficiais, não haverá de faltar uma variedade de costumes, culinária e estilos.” (Istoé)

“Nesta África não tem zebra.” (Revista ESPN)

“A toque de vuvuzela – o som das cornetas esquentando o país para o Mundial, cujas obras estão atrasadas.” (Viagem e Turismo e Placar)

“White Power – o dia em que Mandela juntou-se aos brancos virou filme” (Viagem e Turismo e Placar)

“África loira - Bem-vindo a Orania, uma comunidade de 700 habitantes descendentes de colonizadores holandeses que chegaram à África do Sul no século 17, os bôeres. Suas ruas calmas, casinhas com terraço, plantações de trigo e crianças loirinhas a brincar dão o ar de uma utopia branca em pleno continente negro.” (Viagem e Turismo e Placar)

“Torre de Babel – Bem-vindo à nação das muitas etnias e dos 11 idiomas” (Viagem e Turismo e Placar)

“O clichê da miséria africana não se aplica ao país mais próspero do continente. Em muitos aspectos, a África do Sul lembra o Brasil. A começar pela desigualdade.” (Viagem e Turismo e Placar)

“Na Copa, o torcedor europeu vai andar assustado, olhando para os lados. Está acostumado a Mundiais no primeiro mundo. Dessa vez terá de encarar o terceiro. (...) Já o torcedor brasileiro não deverá experimentar sensação parecida. Afinal, miséria, desigualdade e insegurança são velhos conhecidos nossos.” (Viagem e Turismo e Placar)

“Fla-Flu africano – Kaiser Chiefs x Orlando Pirates é o maior clássico de Soweto e de todo o país.” (Viagem e Turismo e Placar) (MEDANHA, 2010, p.464)

A conclusão de Medanha (2010) é de que os produtos veiculados pelas revistas analisadas ao mesmo tempo descontrolam e reforçam as crenças e imagens negativas comumente associadas aos países do continente africano, de fome, miséria, etc. No entanto,

há também uma busca pela construção da representação de um país que está em desenvolvimento e em constante evolução no processo de consolidação cultural. Além disso, ele aponta como são visíveis as comparações no processo de aproximação com o Brasil, seja apontando os pontos negativos em comum entre as nações, como também o potencial de crescimento e a questão de ambos os países serem sede da Copa.

#### 4.2 IMAGENS DA ÁFRICA NO CINEMA

No estudo de Delton Aparecido Felipe e Teresa Kazuko Teruya (2009), somos levados na busca pela aplicação educacional dos produtos gerados pelos meios de comunicação. Os autores têm como objetivo a leitura crítica de dois filmes, *Um grito de liberdade* e *Sarafina e o som da liberdade*. Através deles os autores pretendem verificar como são abordados os aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos da África. Especificamente da África do Sul, já que ambos os filmes tratam da questão do *apartheid* no país.

Felipe e Teruya (2009) ressaltam a necessidade de uma análise crítica dos filmes, por sua vez fundamentada na questão das produções cinematográficas serem elaboradas em um universo cultural sobre influência de ideologias, aspectos políticos, econômicos e sociais.

Em um segundo momento os autores expõe as características e temáticas dos filmes, que aqui serão expostos de forma breve. No primeiro, *Um grito de liberdade*, nos é apresentado a história de Steve Biko, um líder político negro que atuou na África do Sul e “lutou por um país onde os diversos grupos sociais, independente de sua cor, fossem respeitados e que o seu povo tivesse orgulho de ser negro e de seu país” (FELIPE e

TERUYA, 2009, p.101). No filme são expostas cenas de violência, um povo sul-africano marcado pela dominação holandesa e inglesa, e principalmente as marcas deixadas pelo regime do *apartheid*, através do ódio e do preconceito racial. De acordo com Felipe e Teruya (2009), o filme “contém imagens que nos permite extrair uma análise sobre o racismo legalizado” (FELIPE e TERUYA, 2009, p.102). Em *Sarafina e o som da liberdade*, somos inseridos na história de Sarafina, uma adolescente que vive em Soweto, um dos guetos reservados a população negra durante o *apartheid*. Percorremos as diversas experiências vividas pela adolescente e a sua admiração por Nelson Mandela, que no período do filme está preso. Neste filme também são evidenciadas cenas de violência, retratando a forma como o regime do *apartheid* se estabelecia, através da submissão da população negra. Segundo Felipe e Teruya (2009), o filme deixa claro “a desvalorização da cultura africana neste período e a imposição da superioridade branca pela força da lei para subjugar a maioria negra.” (FELIPE e TERUYA, 2009, p.108).

Após apresentar os enredos e principais imagens geradas por cada filme os autores nos apresentam suas conclusões, que de maneira geral nos mostram o predomínio da visão e atuação dos europeus durante o regime de segregação do *apartheid*.

Como fonte desta investigação, o filme *Sarafina – o som da liberdade* e *Um grito de liberdade* exibem uma representação da sobreposição de uma cultura à outra. Na narrativa desses filmes, o discurso hierarquizador privilegia o conhecimento eurocentrista em detrimento de outros conhecimentos formadores da cultura sul-africana. (FELIPE e TERUYA, 2009, p.113, grifo dos autores)

Desta maneira, os autores nos mostram que pouco se mostra ou se fala sobre a atuação dos negros na África contra o *apartheid*, privilegiando a difusão de uma história apenas pela ótica europeia. Felipe e Teruya (2009) acrescentam que a discussão sobre a segregação racial proporciona o “reconhecimento e valorização da cultura africana para a humanidade”, além de proporcionar a visibilidade e valorização de uma cultura que se viu renegada pela dominação europeia. Segundo os autores, essas ações são uma forma de



contribuição para o conhecimento “de si e do outro”, como uma forma de reconstruir as relações raciais que foram suprimidas no decorrer da história através das ideologias de hierarquia e supremacia étnicas e raciais.

#### 4.3 ÁFRICA COMO NOTÍCIA

Discutir o tratamento adotado pela mídia brasileira em relação aos países africanos de língua portuguesa é o objetivo do estudo elaborado por Astréia Soares, Luiz Henrique Barbosa e Vanessa de Carvalho (2009). Os autores buscam verificar quais são os critérios de noticiabilidade e as imagens transmitidas pela mídia. Para isso, foi feito um recorte de dois anos de edições do Jornal Folha de S. Paulo, no período de julho de 2006 a julho de 2008. Através do estudo foram criadas categorias que permitissem a análise das abordagens utilizadas pelo jornal.

De acordo com Soares, Barbosa e Carvalho (2009), no período de análise passou-se a verificar no âmbito da política externa do Brasil, a difusão de uma aproximação dos países africanos, reconhecendo um dever com esses países que compartilham raízes ancestrais e históricas conosco. No entanto, através da pesquisa, foi observado que essa visão não foi acompanhada pelos meios de comunicação.

Nossas investigações nos levaram a perceber que a África é representada na mídia, em primeiro lugar, apenas como uma denominação geográfica, um continente homogêneo, “A África”, dando-se pouca atenção às especificidades étnicas, sociais, culturais e políticas dos seus países ou ainda, como se essas especificidades não existissem. Além disto, observamos que há a predominância de duas imagens mais recorrentes de África que são, de um lado, o lugar do exotismo cultural e, de outro, da fome, da miséria e das estatísticas trágicas; aspectos que dificilmente podem ser considerados como positivos. Desta forma, quando os países africanos são apresentados aos brasileiros de maneira reducionista e simplificada, pode-se estar contribuindo para um fenômeno que se convencionou chamar no cenário internacional de “afro-pessimismo”. (SOARES, BARBOSA e CARVALHO, 2009, p.2)

Os autores alertam que corroborar essas imagens acerca do continente é uma forma de afirmar que os povos africanos e seus descendentes no Brasil não tem nenhuma contribuição para dar ao mundo e as sociedades. E que as representações da África presentes nos meios de comunicação brasileiros estão repletas de preconceitos e ideologias, que muitas vezes reproduzem “um discurso com sotaque imperialista, que chega até nós sem filtro, através das agências de notícias, ou seja, ‘um retrato feito por empréstimo’”. (SOARES, BARBOSA e CARVALHO, 2009, p.2).

Outro fato exposto que ajuda a explicar a cobertura jornalística sobre a África é o fato, segundo os autores, do continente não ser um local escolhido pelos repórteres que são correspondentes internacionais. Isso explica, por exemplo, porque os aspectos da vida africana não são abordados. Por isso, o que vemos são seleções de notícias que seriam melhor aplicadas nos países das agências de notícias dos quais as matérias são retiradas.

Após expor fatores importantes para a compreensão do cenário em que a cobertura jornalística dos países africanos está inserida, parte-se para a análise dos conteúdos jornalísticos que é realizada através de três categorias. A primeira mostra a África como produto a ser explorado, em que os países são apresentados como mercados promissores para o Brasil, a segunda apresenta estatísticas dos países africanos de língua portuguesa em comparação a outros países, em quesitos como segurança, saúde e qualificação de recursos humanos e tecnológicos e a última expõe uma África sobre a ótica do exotismo natural e cultural.

Através do enquadramento das matérias analisadas nas categorias acima, os autores nos apresentam suas conclusões.

Tomando como base a cobertura feita pelo jornal, podemos perceber que as notícias sobre os países africanos de língua portuguesa não dão maior atenção às especificidades étnicas, sociais, culturais e políticas dos países, como se essas especificidades não existissem. Há uma repetição facilmente identificável de uma imagem de África sedimentada em torno de inexplicável ignorância, considerando-se os inúmeros recursos atuais para a produção de notícias. Ou seja, a informação sobre estes países africanos, embora se acredite ser do interesse da sociedade brasileira constituída de uma maioria de afrodescendentes e com relevantes afinidades culturais e religiosas, por exemplo, parece ser de pouco interesse para o jornal. (SOARES, BARBOSA e CARVALHO, 2009, p.6-7)

Além da generalização e reducionismo feitos pela cobertura jornalística, Soares, Barbosa e Carvalho (2009) também apontam as dificuldades que os meios de comunicação têm para efetuar uma cobertura jornalística do continente, uma vez que os países dispõem de pouca estrutura para a execução do trabalho. No entanto, os autores salientam que a proximidade cultural entre o nosso país e o continente deveria ser um fator preponderante e decisivo na superação desta barreira. Também é exposto que da mesma forma que vemos a África sobre uma ótica generalista, preenchida por preconceitos, o mesmo acontece em relação a visão das populações do continente em relação ao Brasil, que é “construída a partir das novelas e de referências ao carnaval, ao futebol e à violência urbana.” (SOARES, BARBOSA e CARVALHO, 2009, p.7). De maneira geral, é constatado que os meios de comunicação exercem pouca contribuição, quando o assunto é representar os países africanos, sua cultura, seus valores e seu desenvolvimento.

## 5. ESTUDO DE CASO - ANÁLISE DA SÉRIE NOVA ÁFRICA<sup>5</sup>

Após compreendermos os caminhos pelos quais as identidades e as representações são construídas, traçamos os fatos históricos que possibilitaram a elaboração de um imaginário do continente africano, através de acontecimentos que foram difundidos pelo ponto de vista dos povos colonizadores. Com isso, podemos perceber a formação de representações do continente marcadas por ideias de inferioridade, unidade cultural e reducionismo, que são responsáveis pela disseminação de estereótipos que cercam essas nações. Compreendemos também o papel que os meios de comunicação exercem na construção e disseminação das identidades e representações, por exemplo, de grupos sociais. Além de apresentarmos alguns estudos que analisaram a abordagem dos meios de comunicação em relação a alguns países do continente africano.

Embasados no referencial teórico anteriormente apresentado podemos partir para a análise do objeto do presente estudo. No contexto da representação da identidade do continente africano, o objetivo desta pesquisa é a análise da série “Nova África: um continente, um novo olhar” (2012), que corresponde à segunda temporada do programa.

O programa parte de uma iniciativa da emissora TV Brasil<sup>6</sup>, que compõe os canais públicos da televisão brasileira. A série foi criada em 2009, a empresa Baboom Filmes

---

<sup>5</sup> As informações sobre a série “Nova África: um continente, um novo olhar” (2012), foram obtidas através do site da TV Brasil, disponível em < <http://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrica>>. Acessado em 07 dez. 2013.

<sup>6</sup> A TV Brasil foi criada em dezembro de 2007, e se apresenta como um canal de televisão nacional público, que tem como finalidade complementar e ampliar a oferta de conteúdos, oferecendo uma programação de natureza informativa, cultural, artística, científica e formadora da cidadania. A emissora é gerida pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC) e conta com representantes da sociedade civil e política entre os membros de sua administração. Informações disponíveis no site da TV Brasil, em < <http://tvbrasil.ebc.com.br/sobreatv>>. Acessado em 07 dez. 2013.

vencedora do edital<sup>7</sup> foi a responsável pela produção da primeira temporada do programa, composto de 26 episódios. Em sua segunda temporada, sendo esta o objeto de análise, a série foi produzida pela Cinevídeo. De acordo com as informações disponíveis no material de divulgação da série “Nova África” (ANEXO B, arquivo 1), o programa percorreu 30 países africanos, produzindo 26 episódios de 26 minutos de duração cada.

A segunda temporada do Nova África vai mostrar o continente africano vai mostrar o continente africano a partir do olhar dos seus filhos. A partir de relatos pessoais, temas como política, economia, cultura popular, tecnologia, meio ambiente, turismo, saúde serão abordados [...]. (ANEXO B, arquivo 1)

Tendo em vista a proposta da série, esta análise tem como objetivo verificar quais são as representações do continente africano apresentadas no programa. Para proceder com essa averiguação foi adotado o método de análise de conteúdo, apresentada através da definição de Laurence Bardin (2011).

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p.48).

Tomando como base a definição de Bardin (2011), é válido ressaltar que para esta análise será utilizado à descrição dos conteúdos por um indicador não quantitativo, uma vez que as recorrências obtidas através da inferência do objeto não serão quantificadas.

A partir destas inferências podemos eleger quatro categorias semânticas, sendo elas: A voz da África, que busca analisar como as fontes apresentadas durante a série constroem a representação do continente e dão veracidade as informações transmitidas; África de iniciativas e proativa, em que serão apresentadas as ações realizadas dentro do continente capaz de construir a imagem de uma população que se torna agente de sua própria história; África primitiva e mística, em que serão apontadas as representações apresentadas na série

---

<sup>7</sup> A emissora adota o formato pitching para aquisição de programas de produção independente para veiculação na TV, desde junho de 2009. O processo se dá através de editais que devem estar em concordância com a Lei de licitações 8.666, do Governo Federal.

que permitem ou não associar as nações africanas através de símbolos de exotismo, de uma vida selvagem, nas quais geralmente se centram alguns estereótipos do continente, e por último, África Multicultural, que busca verificar quais as representações do continente apresentadas que transmitem a diversidade cultural presente nas diferentes nações que compõe a África.

Partindo do princípio que durante a sua exibição, a série era semanal, foi adotado um recorte temporal, selecionando como amostra os quatro primeiros programas, correspondendo ao primeiro mês de exibição. Sendo assim, os conteúdos analisados são: “Mulheres Africanas” (ANEXO A, arquivo 1) exibido em 28 de setembro de 2012, “Universidades” (ANEXO A, arquivo 2) exibido em 05 de outubro de 2012, “Cinema” (ANEXO A, arquivo 3) exibido em 12 de outubro de 2012 e “Religiosidade” (ANEXO A, arquivo 4) exibido em 19 de outubro de 2012. As datas em questão são referentes às informações disponibilizadas no site da emissora TV Brasil, em relação à exibição nacional da série.

## 5.1 A VOZ DA ÁFRICA

Como a escolha das fontes interfere na construção do conteúdo apresentado? Nesta categoria, pretendemos mostrar como as pessoas apresentadas durante a série interferem na representação do continente africano. Partindo do princípio que o programa se propõe a dar voz aos africanos e apresentar o continente através do olhar deles.

Ao longo dos episódios analisados nos são apresentados depoimentos de diversos agentes das sociedades africanas, autoridades políticas e educacionais, como embaixadores, ministros e professores; lideranças sociais, como ativistas, líderes tribais e ganhadores de prêmios Nobel; referências da indústria audiovisual e cidadãos comuns, dos 30 países africanos visitados.

A subjetividade, a presença de depoimentos pessoais de uma população que conta a sua própria história, dá veracidade e credibilidade ao que é apresentado sobre o continente. Porque cremos naquilo que é apresentado, pois um habitante local está dizendo, contando sobre a sua vivência no seu país. Eles são o que Nichols (2010) apresenta como atores sociais, que a partir de sua presença nos induzem a crer na veracidade do que é transmitido e tornando a realidade reconhecível.

No episódio sobre as Mulheres Africanas (ANEXO A, arquivo1), podemos citar como exemplo o guia Tomé Mereck, que introduz a repórter Dina Adão na realidade da comunidade dos Bijagós. Ele fala e explica os costumes com a propriedade de quem conhece e estuda os costumes do local. Nessa mesma comunidade somos apresentados à hierarquia do sistema matriarcal, pela líder da comunidade, a rainha dos Bijagós, Cristina da Silva.

Ainda neste episódio, a importância e o poder do relato de quem vivenciou determinada experiência, pode ser expressada na fala de LeyMah Gbowee, ganhadora do Nobel da Paz em 2011, ao relatar a sua experiência com a guerra. “Eu vivi a verdadeira guerra, meus filhos tinham tanto medo de tiros, que mesmo quando deixamos a Libéria, minha filha não podia ver um pneu queimado, que ela disparava a chorar por duas horas sem sequer abrir os olhos. São as mães que veem essas coisas” (ANEXO A, arquivo1).

Mas não é só de autoridades e referências sociais e políticas que os depoimentos são construídos. O telespectador é levado a perceber, por exemplo, a importância do cinema

de Nollywood, a partir do momento que além dos produtores e cineastas, é apresentado à visão repleta de sentimentos do vendedor de filmes Teophilus Nweze, no episódio “Cinema”.

Amo assistir filmes, porque eles me ensinam muitas coisas. Há filmes que revelam o inimigo dentro de você, alguém que você chama de amigo, de seu amado e que na verdade é seu inimigo nas suas costas. Amo assistir filmes porque aprendo muito com eles, há coisas que eles me mostram que sou incapaz de pensar sozinho, ou se não, eles revelam algo que tem sempre estado na minha cabeça. E de repente vejo isso num filme e eu digo: Ah, então coisas assim acontecem no mundo. Então, eu realmente amo cinema. (ANEXO A, arquivo 3).

Além da importância dos relatos da população local, outro fator importante se destacou durante a análise desta categoria. Nos quatro episódios analisados, a maioria dos entrevistados compõe a população negra do continente, entre personalidades e cidadãos comuns. A exceção a esse fato aparece quando o programa se desloca para a parte norte do continente, nos episódios “Religiosidade” (ANEXO A, arquivo 4) e “Universidades” (ANEXO A, arquivo 2), sendo este último o mais evidente. Nesta passagem da série o telespectador é apresentado a instituições de ensino de referência de três países, Egito, Gana e África do Sul. Através do texto da repórter Aline Maccari, são expostos dados que apontam que o continente possui cerca de 500 universidades. No entanto, neste episódio somos levados a conhecer instituições através de autoridades que em sua maioria são brancas, os negros por sua vez são retratos através das imagens dos estudantes. A exceção se dá na Universidade Aveshi, em Gana, local que além da imagem predominante de estudantes negros, se dá voz a uma professora, uma aluna e ex-aluna da instituição, ambas negras.

Essa predominância de autoridades que compõe a população branca do continente é explicada pelo fato dos países em questão possuírem a maioria de seus habitantes inseridos nesta parcela da população. No entanto, é necessário questionar, porque justamente em um episódio que trata da educação a população negra é minoria. Se os dados expostos no programa (ANEXO A, arquivo 2), como na parte da África do Sul, mostram que analisando a população do país, os negros ainda são minoria no acesso ao ensino superior, com 12%, em relação aos brancos que representam 54%, não há o que se questionar.



## 5.2 ÁFRICA DE INICIATIVAS E PROATIVA

Fomos levados ao longo da história e da construção do imaginário das populações do continente africano, a acreditar em uma África marcada pelo atraso, pela dependência e suporte das nações desenvolvidas, como apresentamos no capítulo 3.

Ao longo dos episódios somos apresentados a diversas iniciativas e histórias que nos mostram um povo com desejo de mudança, capaz de superar as dificuldades e promover a liberdade, o crescimento e o desenvolvimento da sua nação. Atitudes estas que podem ser resgatadas deste o período colonial até os tempos atuais.

Dentro dessas características podemos destacar a atuação de LeyMah Gbowee, no episódio “Mulheres Africanas” (ANEXO A, arquivo 1). Ela liderou as mulheres liberianas em um movimento pacífico, que através de uma greve de sexo pôs fim a guerra civil no país, levando os homens a abandonar as armas. Dessa forma, o governante da época Charles Taylor, se viu forçado a negociar a paz.

No mesmo episódio, é relatada a atuação dos africanos no período colonial contra a dominação e a opressão dos europeus. Este fato é contado pela repórter Dina Adão, ao relatar que no período colonial existiu na comunidade dos Bijagós a rainha Okincapampa. A rainha conseguiu negociar com os colonizadores e garantiu que na tabanca – como são chamadas as aldeias dos Bijagós – não houvesse guerra com os portugueses. “Ela era uma mulher rica e inteligente, ela deu as suas vacas aos portugueses em troca da paz, liberdade para o seu povo” (ANEXO A, arquivo 1).

Nestas passagens podemos observar que ao mesmo tempo em que se destaca uma imagem recorrente do continente, que é a de um país em constantes conflitos, somos também apresentados à atuação dos africanos contra a guerra. Principalmente em relação à atuação da

mulher no país. Mulheres que não são citadas na história e que tiveram papéis de liderança nos países africanos. Ou seja, através da série somos apresentados a um continente que não é apenas oprimido.

Ainda podemos ressaltar outros aspectos abordados no programa que se enquadram nesta categoria. Somos expostos também, a um continente que busca formar lideranças e superar as dificuldades para afirmar a sua cultura.

O primeiro pode ser exemplificado no episódio “Universidades” (ANEXO A, arquivo 2), quando somos apresentados aos preceitos da Universidade Aveshi, caracterizada como uma das mais reconhecidas do mundo e que tem como objetivo formar novas lideranças para todo o continente. Isso é evidenciado na introdução da repórter Dina Adão a instituição, “Em Gana a Universidade Aveshi forma bem mais que profissionais e acadêmicos, aqui o foco é educar uma nova geração de líderes éticos” (ANEXO A, arquivo 2). Fato este corroborado na fala do diretor de desenvolvimento da instituição, Matthew Taggart, um homem branco, ao explicar os princípios norteadores da universidade.

Se você tem uma pessoa competente, no lugar certo que tenha bases éticas, que tenha a habilidade necessária para fazer o trabalho. Há muito que ser feito nessa parte do mundo. Temos muitos recursos naturais e não há motivos para que esta parte do mundo não cresça tão rápido ou mais rápido que outras partes do mundo. Mas você precisa da liderança certa para tomar essas decisões. (ANEXO A, arquivo 2).

A busca pela afirmação da cultura africana pode ser exemplificada no episódio “Cinema” (ANEXO A, arquivo 3). Somos apresentados a Nollywood, a terceira maior indústria cinematográfica do mundo, descobrimos que o cinema é uma ferramenta utilizada pelos africanos como um instrumento de afirmação cultural, a partir do qual se supera as dificuldades técnicas e de incentivo para cumprir a sua meta. Como fica evidenciado na fala do diretor Nnaamdi Odunze. “Eu diria que Nollywood é muito importante e tem tido um papel vital na economia em termos de criação de empregos. Mas infelizmente, o governo tem sido tímido em financiar o cinema nigeriano” (ANEXO A, arquivo 3).

Compreendemos também, através do relato do cineasta Pacifique Nzitonda o desejo dos africanos em afirmar e reconhecer a sua cultura através dos meios de comunicação locais e as barreiras enfrentadas para se alcançar este objetivo.

Hoje em dia na TV só vemos filmes americanos, franceses. Essa é a hora de promover nossos artistas, promover nossa cultura através da música, do cinema e de outros meios artísticos. Mas infelizmente, as estações locais de TV não tem programação local suficiente. As pessoas querem ver seus próprios filmes, com suas próprias histórias, querem ver a si mesmas na TV. (ANEXO A, arquivo 3).

Através deste relato e da identificação dos africanos com o cinema dos seus países apresentado do episódio “Cinemas” (ANEXO A, arquivo 3), podemos constatar como os meios de comunicação exercem um papel de importância na representação das identidades, ao perceber que as pessoas do continente querem e gostam de se reconhecer nos produtos gerados pelo cinema. Este fato é apontado por Alexandre (2001) ao nos mostrar que os meios de comunicação são instrumentos de coesão social e fundamentadores da imagem de grupos sociais, uma vez que o conteúdo é aceito e absorvido por eles. Além disso, podemos verificar nestes exemplos o desejo da afirmação da cultura africana, um processo que vem sendo trabalhado por essas populações desde o movimento pan-africano. Isso nos é apontado por Kojo e Chanaiwa (2010), ao mostrar que o movimento buscava também a independência cultural das nações colonizadas.

### 5.3 ÁFRICA PRIMITIVA E MÍSTICA

Sales e Santos (2010a) nos apontam como é comum a visão do continente africano estar associado a uma cultura primitiva, cercada de misticismos e exotismo nas

práticas religiosas. Além da constante associação as paisagens naturais, a vida selvagem e inexplorada nestes países.

A série não se recusa a apresentar essas características do continente africano, vemos imagens dos animais e das savanas africanas. Um exemplo, é o texto em *off* da repórter Dina Adão, no episódio “Cinema” (ANEXO A, arquivo3), em que essas imagens e informações são apresentadas ao telespectador.

Savanas e desertos, elefantes e leões, povos exóticos, civilizações perdidas. A imagem hollywoodiana da África está gravada na mente dos fãs da sétima arte, mas existe uma nova África nas telas do cinema, uma África urbana em que os anseios e contradições de milhões de pessoas estão refletidos. (ANEXO A, arquivo3).

Podemos observar que mesmo que o conteúdo da série aborde um estereótipo, há um cuidado em apresentar também um aspecto positivo, ou de superação a esta informação negativa, como é exemplificado no trecho acima citado.

A África primitiva, marcada por populações com costumes e modos de vida ditos como exóticos também é caracterizada na série, um exemplo é a etnia dos Bijagós, apresentada no episódio “Mulheres Africanas” (ANEXO A, arquivo 1). Neste programa somos introduzidos a imagens de uma comunidade tribal, como é mostrado pelas imagens que acompanham o texto em *off* da repórter Dina Adão.

As paisagens são marcadas pela formação do arquipélago no delta do rio. Os Bijagós são a principal etnia que povoa este arquipélago. Vivem em aldeias chamadas de tabancas, em casa de adubo e palha. Sobrevivem da colheita, de uma agricultura muito primitiva e da pesca rudimentar. (ANEXO A, arquivo 1)

Mas assim como já foi exposto nas categorias anteriores há sempre uma espécie de compensação às imagens negativas do continente. Neste episódio somos levados a conhecer a lógica que rege a sociedade dos Bijagós, baseada no respeito às mulheres, por se tratar de uma comunidade matriarcal. Além disso, somos apresentados às histórias e ritos das aldeais, como uma forma de justificar e fundamentar o modo de vida dessa população.

Para desvendar o misticismo do continente africano somos inseridos nas práticas religiosas tradicionais de alguns países, como o animismo, o vodu e a figura do xamã. Mas o que chama a atenção nestas abordagens é a preocupação em apresentar a história e a explicação por de trás das expressões religiosas. O telespectador é convidado a entender os motivos e as características presentes nos ritos e práticas religiosas.

Podemos citar como exemplo, o episódio “Religiosidade” (ANEXO A, arquivo 4) que apresenta explicações sobre a prática do vodu. Entre elas vale destacar as falas do sacerdote vodu Dah Hounnon e do sociólogo Honorat Aguessy, respectivamente listadas abaixo.

O vodu não pratica o mal só pratica o bem, é preciso respeitar as interdições. É como os dez mandamentos da Bíblia, o vodu tem regras próprias ele é correto. Quando você respeita as regras do vodu, você terá filhos, terá dinheiro, trabalho, independentemente do que iniciar conseguirá tudo sem problemas. O vodu faz o bem, jamais o mal, mas é preciso respeitar as orientações. (ANEXO A, arquivo 4)

Para cada família de cada clã, de cada tribo existe um vodu, e apenas um. De maneira que cada indivíduo pertencente a uma família conhece apenas um vodu, e não dois nem três. De forma que aquilo que com frequência se descreve de maneira pejorativa como um suposto politeísmo, na verdade é algo falso. (ANEXO A, arquivo 4)

Através das explicações presentes neste episódio o telespectador é levado a enxergar o vodu como uma prática religiosa, que possui princípios e que acima de tudo, busca fazer o bem. Com esses mesmos princípios, somos apresentados ao animismo, uma religião tradicional dos países africanos. Ao mesmo tempo em que se mostra imagens de uma celebração animista, que pode ser vista e entendida como exótica, somos inseridos neste universo através das explicações em *off* da repórter Dina Adão, que interage com os praticantes. “As tradições animistas consideram que todos os elementos da natureza podem se manifestar como espíritos. [...] Estas mulheres entram em transe para proteger a aldeia e curar as pessoas, muitas vezes atendem adeptos de outras religiões” (ANEXO A, arquivo 4).

#### 5.4 ÁFRICA MULTICULTURAL

Uma visão recorrente do continente africano presente em nosso imaginário é a de um continente caracterizado por uma unidade cultural. Dessa forma, toda diversidade cultural presente no continente é reduzida e generalizada em um lugar comum que nos é apresentado como África. Essa visão estereotipada é apontada por Sales e Santos (2010b), ao nos alertar que a mera divisão do continente em duas Áfricas, a do norte e a subsaariana, já não caberia na diversidade do continente que é composto de muitas Áfricas.

Durante a análise dos episódios selecionados da série, podemos observar uma recorrência de fatores capazes de nos apresentar a diversidade do continente africano. Essa característica é predominante no episódio “Religiosidade” (ANEXO A, arquivo 4).

Neste episódio somos convidados a conhecer as diversas práticas religiosas presentes na África. Percebemos a presença de religiões consideradas tradicionais do continente, como o vodú e o animismo, mas também somos levados a reconhecer a presença dos muçulmanos e católicos no continente.

Podemos destacar neste programa a passagem pela Costa do Marfim, através dos relatos somos apresentados à diversidade religiosa do país, uma característica que é apontada com o orgulho e vista como sagrada aos olhos dos habitantes. Podemos citar aqui como exemplo a fala do marfinense Bitty Jean Yves, “Não existem problemas entre as religiões na Costa do Marfim, eu nunca ouvi falar nunca vi guerras religiosas entre muçulmanos e cristãos, aqui isso não existe.” (ANEXO A, arquivo 4). Essa diversidade religiosa do país também é apontada no texto em *off* da repórter Dina Adão.

No norte da África o predomínio é de muçulmanos. Mas na África subsaariana diferentes crenças estão lado a lado, templos e pessoas de crenças diferentes convivem em ambiente quase sempre pacífico e muitas vezes ecumênico. A tolerância religiosa é sagrada na Costa do Marfim, templos suntuosos dividem espaço com práticas antigas, dados oficiais do governo mostram que 38,6% dos moradores são muçulmanos, 32,8% cristãos e 11,9% animistas. (ANEXO A, arquivo 4).

Como a religião é um fator que interfere e influencia as identidades das populações, através da diversidade de religiões presentes no continente africano, somos apresentados a um dos aspectos capazes de representar a diversidade dessas populações.

Ainda no episódio “Religiosidade” (ANEXO A, arquivo 4), na parte em que o programa visita a Tunísia somos inseridos no dia a dia de uma família muçulmana. Através dos relatos dos participantes somos levados a perceber a influência da globalização e a aparição do sujeito pós-moderno, a que fomos apresentados por Hall (2011). Percebemos nessa família não apenas a diversidade religiosa, ao sermos apresentados a princípios de doutrina dos muçulmanos, mas, vemos também como as mudanças na sociedade, às influências do mundo globalizado e da rotina imposta pelo mesmo, como os costumes se modificam, apresentando aqui o caráter mutável das identidades. Como é exposto pelos membros da família, Salwa Ayari e Kamal Ayari, respectivamente, nos trechos a seguir.

Se eu falo de mim eu posso dizer que eu sou mais para uma mulher liberada de vários tabus, em princípio se a mulher muçulmana recebe alguém na casa dela, deverá ter uma separação entre os homens e as mulheres. Sempre quando recebemos homens antes que eles cheguem nós arrumamos tudo, a mesa etc. Os homens comem entre eles e as mulheres comem entre elas. (ANEXO A, arquivo 4).

Meu pai tinha um pequeno negócio e usava todo o tempo dele para pensar em religião, para rezar cinco vezes, para ir a mesquita mais frequentemente e até mesmo mais de cinco vezes ao dia. Porque ele tinha tempo para isso. Mas hoje em dia nossas vidas, nesse mundo moderno, com esses valores modernos, as pessoas não tem tempo para rezar cinco vezes ao dia e nossas crianças estão aos poucos se afastando da religião. (ANEXO A, arquivo 4).

O episódio “Religiosidade” (ANEXO A, arquivo 4) nos apresenta o maior exemplo de diversidade entre os programas analisados, mas não é o único. A estrutura da série por si própria já nos oferece uma ideia de uma África multicultural, pois, ao adotar uma temática por capítulo e apresentar as particularidades de cada assunto em países diferentes,

somos apresentados à diversidade do continente, ao perceber que um mesmo assunto se apresenta com diferenças e semelhanças em países diferentes. Além disso, podemos destacar também o fato de serem apresentadas características culturais tanto de países com a maioria populacional negra e branca, mostrando assim, as duas faces do continente.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a compreensão dos aspectos abordados através do embasamento teórico do presente estudo, podemos entender como as questões ligadas as identidades e suas representações estão relacionadas às alterações as quais a sociedade e o sujeito, inserido na mesma, estão propensos.

Ao levantar o debate a cerca da representação do continente africano percebemos como fatores históricos, como o período colonial e pós-colonial foram decisivos para a construção e projeção do imaginário destas nações. Imagem esta difundida através do ponto de vista das nações colonizadoras, que foram responsáveis por reduzir e generalizar a imagem desses indivíduos através de estereótipos.

Notando a influência e importância dos meios de comunicação na temática da representação, a série “Nova África: um continente, um novo olhar” (2012) se apresentou como objeto de análise deste estudo, por se propor a lançar um novo olhar ao continente africano.

Podemos dizer que de maneira geral nos episódios analisados o continente nos é apresentado de uma maneira diferente. De certa forma, isso já é observado através dos temas selecionados para cada episódio, que já nos conduzem para questões de pouca visibilidade, como as mulheres africanas, ou para tópicos relacionados a estereótipos, como a educação e as religiões tradicionais africanas.

Um fator que merece destaque na proposta da série e que já nos conduz a uma nova visão do continente é a escolha das fontes. Afinal em muitos produtos produzidos pelos meios de comunicação, vemos a África através do olhar de especialistas estrangeiros que analisam o país “de fora para dentro”. Na série vemos a África também “de dentro para fora”, através dos seus habitantes, que tem a propriedade e a vivencia para falar dos seus países. Ou

seja, somos apresentados a uma população que é agente de sua própria história, que tem voz e assume o seu papel, fato este que foi renegado pelas consequências de um processo de colonização que subtraiu a presença ativa destas populações na história. Somos apresentados a países africanos que desejam crescer e consolidar a sua diversidade cultural. Um fator que contribui para esta compreensão do continente se deve também a atuação dos repórteres. Neste ponto podemos destacar a presença da repórter Dina Adão, pois ela está inserida na realidade abordada no programa, por ser natural da Guiné Bissau. Dessa forma, uma repórter do próprio continente vem a somar e dar veracidade as experiências apresentadas pela série.

Percebemos também um esforço em desmistificar a África, em ir além dos preconceitos contra os ritos ancestrais do continente, e principalmente em apresenta-los como uma religião e não simples feitiçaria. Há uma explicação para as práticas e tradições, dessa forma só permanece acreditando que toda expressão é marcada pelo atraso e exotismo aqueles que não conseguem absorver as diferenças e significados de uma cultura que se apresenta através do que nos é diferente.

No entanto, através do que apontamos na análise é possível perceber, mesmo que em menor escala, a presença de representações que nos remetem aos estereótipos do continente e também as barreiras que existem para que os projetos de crescimento e consolidação cultural do continente não se concretizem. No desenvolvimento da análise um fator que despertou a atenção foi em relação à abordagem do programa no episódio “Universidades”, entre as instituições de ensino apresentadas, apenas em uma delas há destaque para a população negra.

A questão nos faz refletir: esse recorte, no qual os negros são minoria, não poderia também condicionar a uma visão negativa, na qual essa parte da população não é capaz de produzir conhecimento de relevância? Será que em todo o continente e entre tantas instituições de ensino apenas em uma delas os negros se destacam? Há de se registrar que nos

países visitados a maioria da população é branca, no entanto, dentro das possibilidades apresentadas no programa, ao relatar que no continente existem cerca de 500 universidades, podemos dizer que existem motivos para se questionar a representatividade dos negros quando o tema é a educação.

Vale também ressaltar aqui características estruturais percebidas na série que influenciam na representação das nações apresentadas. Há um cuidado em apresentar a história por trás de cada elemento abordado, seja um aspecto cultural ou edifício de uma universidade, para as mais diferentes abordagens se dedica um tempo para a sua história. Isso se torna evidente também quando se aborda um ponto negativo do continente, dessa forma, os aspectos históricos entram como uma justificativa para os fatos, o que pode ser observado na abordagem sobre as religiões tradicionais africanas. Além dos dados históricos, há também uma ampla utilização de dados estatísticos, de fontes governamentais e da Organização das Nações Unidas (ONU), por exemplo. Estes ressaltam tanto aspectos positivos e negativos do continente, mas são recursos utilizados que permitem ao telespectador uma maior compreensão, além de conferir veracidade ao que é apresentado.

Através da exposição de aspectos importantes identificados durante a análise neste estudo, podemos dizer que a série “Nova África: um continente, um novo olhar” (2012) apresenta ao telespectador novas formas de abordagem e representação do continente africano. Mesmo que os estereótipos estejam presentes, ainda que em menor escala, acreditamos que eles também se apresentam como um recorte da realidade africana, uma vez que não se pode negar, por exemplo, a presença de imagens as guerras civis no continente. Por isso, a presença dessas representações não invalida as abordagens apresentadas que verdadeiramente buscam ir além dos estereótipos.

Assim, ao constatarmos que o programa, exibido em uma emissora de televisão pública, consegue ser efetivo ao tratar das questões relacionadas aos estereótipos africanos,

podemos dizer que os meios de comunicação possuem os recursos e possibilidades para se aprofundar em temáticas de pouca representatividade na mídia. Por isso, a análise da série não se limita a lançar luz apenas ao debate referente aos estereótipos e abordagens da mídia em relação à África, mas também serve como exemplo para que se discutam os fatores que influenciam nas produções jornalísticas, nesse caso específico, nas relacionadas à programação televisiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v.6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África Negra**. Tradução de Sinval Freitas Medina. São Paulo: Perspectiva, 1974. (Coleção Khronos)

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução de Maurício Santana Dias e Javier Rapp. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999.

CHINWEIZU, D. A África e os países capitalistas. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, A. (orgs.). **História Geral da África**. Tradução de Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Teresa Kazuko. Imagens da África no cinema: o potencial da mídia no ensino de história. 2009. **ETD: Educação Temática Digital**, Campinas, SP. v.11, n.1, p. 96-122, jul./dez.2009. Disponível em: <[http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1996/pdf\\_104](http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1996/pdf_104)> . Acesso em 07 dez. 2013.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Eco Pós: revista da Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ**, Rio de Janeiro. v.7, n.2, p. 45-71, ago./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/jfreire7.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

GASPAR, Napoleão. **Moçambique Contemporânea**. Apostila elaborada para o curso de Administração Pública oferecido pelo governo brasileiro em Moçambique, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

KOJO, Edem; CHANAIWA, David. O pan-africanismo e a integração regional. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, A. (orgs.). **História Geral da África**. Tradução de Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

M'BOW, Mahtar. Prefácio. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, A. (orgs.). **História Geral da África**. Tradução de Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

MEDANHA, Fernando França. In: JORNADAS DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, 6., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, UERJ, 2010. Disponível em: <[http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro06/LTAA06\\_a34.pdf](http://www.pgletras.uerj.br/linguistica/textos/livro06/LTAA06_a34.pdf)>. Acesso em: 07 dez. 2013.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Prefácio de Fernão Pessoa Ramos. Tradução de Mônica Saddy Martins. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Campo Imagético).

SALES, Júnia; SANTOS, Lorene. História e Cultura Africana. **Centro de Referência Virtual do Professor**, Minas Gerais, v.1, 2010a. Disponível em: <[http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco\\_objetos\\_crv/%7B27EFD6C8-F212-49C0-A553-D3300B420372%7D\\_mod\\_01.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco_objetos_crv/%7B27EFD6C8-F212-49C0-A553-D3300B420372%7D_mod_01.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Centro de Referência Virtual do Professor**, Minas Gerais, v.2, 2010b. Disponível em: <[http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco\\_objetos\\_crv/%7BA8062A90-8AE9-452A-A121-4616055824DD%7D\\_mod\\_02.pdf](http://crv.educacao.mg.gov.br/aveonline40/banco_objetos_crv/%7BA8062A90-8AE9-452A-A121-4616055824DD%7D_mod_02.pdf)>. Acesso em: 13 jan. 2014.

SILVA, Tadeu Tomaz da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu Tomaz da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, Astréia; BARBOSA, Luiz Henrique; CARVALHO, Vanessa de. África como notícia. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 5., 2009, Salvador. **Anais eletrônicos...** Bahia, UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19405.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2013.

SURET-CANALE, Jean; BOAHEN, A Adu. A África Ocidental. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, A. (orgs.). **História Geral da África**. Tradução de Luís Hernan de Almeida Prado Mendoza. Brasília: UNESCO, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

YAKHINI, Sarah. **Eu e o outro no filme documentário: uma possibilidade de encontro**. 2001. Universidade de Campinas, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000246931&fd=y>>. Acesso em: 07 dez. 2013.

**Sites acessados**

TV BRASIL, 2013. Disponível em: < <http://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrica>>. Acesso em 07 dez. 2013.

**ANEXOS**

## ANEXO A

ARQUIVO 1 – Mulheres Africanas

ARQUIVO 2 - Universidades

ARQUIVO 3 - Cinema

ARQUIVO 4 – Religiosidade



**ANEXO B****ARQUIVO 1 – Nova África**